

**O DISCURSO DE PECADO SOBRE AS PERSONAGENS FEMININAS NAS
OBRAS AS AVENTURAS E DESVENTURAS DA FAMOSA MOLL FLANDERS &
CIA E A HISTÓRIA DO CAVALEIRO DE GRIEUX E DE MANON LESCAUT**

Clara Alice da Silva Guimarães Brasil (UFPA)¹


Resumo: *Moll Flanders* e *Manon Lescaut*, de Daniel Defoe e Abade Prévost, respectivamente, são obras que apresentam mulheres desclassificadas e que proporcionam enredos repletos de crimes, infortúnios e reflexões acerca do pecado. Considerando isto, este trabalho objetiva refletir sobre os discursos que permeiam os textos literários. Para tanto, buscar-se entender como as personagens femininas são apresentadas e as diferenças entre elas, por meio de pesquisas bibliográficas dos contextos histórico-religiosos. E desse modo, observa-se que as personagens têm pontos semelhante e distinto, o que permite concluir que os discursos de pecado também são distintos.

Palavras-chave: Pecado; Manon; Moll.

As aventuras e desventuras da famosa Moll Flanders & cia, ou simplesmente, *Moll Flanders*, de Daniel Defoe, e *A história do Cavaleiro de Grioux e de Manon Lescaut*, ou então *Manon Lescaut*, de Abade Prévost, são duas obras literárias clássicas que ganharam visibilidade na época de suas publicações. Tanto uma quanto outra se classificam como literatura de cunho moral e apresentam duas heroínas prostitutas e trapaceiras que vivem à margem da sociedade, ambas enfrentam adversidades que culminam em destinos diferentes. Diante disto, é válido refletir os discursos que permeiam os textos literários, e deste modo, a proposição deste estudo é buscar entender como as personagens femininas são apresentadas e as diferenças entre elas. Para tal intento, faz-se necessário refletir sobre as questões religiosas presentes nas obras literárias.

A obra *Moll Flanders* foi publicada, pela primeira vez, em 1722; depois desta publicação, é possível encontrar outras edições que sofreram adaptações por seus editores. Para este trabalho, será considerada a tradução para o português do texto de 1722, realizada por Donaldson Garschagen e Leonardo Fróes, da extinta editora Cosac Naify. Do outro lado, tem-se *Manon Lescaut*, que foi publicada em 1731, e cuja tradução considerada aqui será a de Regina Célia de Oliveira, da editora Martin Claret. Como pode ser visto, as obras são contemporâneas, porém de diferentes lugares, Inglaterra protestante e França católica, respectivamente.

¹ Graduada em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa (UEPA), especialista em Estudos Linguístico e Análise Literária (UEPA) e aluna do curso de mestrado em Estudos Literários (UFPA). Contato: claraalice16@yahoo.com.br



Em *Moll Flanders*, é visível o discurso moral e religioso ao longo da narrativa. Ao narrar, em primeira pessoa, a vida desregrada de uma mulher que concebeu vários casamentos e, por fim, uma vida criminosa, é perceptível a inserção de reflexões de cunho religioso acerca dos atos da personagem e justificativas da real importância de narrativas sobre crime e pecado. Mas por que isso ocorre?

De acordo com Viegas (2011), a leitura de romances na Europa oitocentista era considerada lasciva, pois roubava o tempo do cristão que poderia estar se dedicando à caridade e nada acrescentava para os conhecimentos dele, uma vez que, para os ingleses conservadores, a boa leitura só era possível por meio de livros de filosofia e religião. A partir deste ponto, era frequente os escritores justificarem a escrita dos romances como leitura didática, que auxiliaria o leitor na reflexão da sua vida. Em *Moll Flanders*, isso não é diferente, visto que a narradora-personagem, a cada episódio, justifica a importância da história contada, logo, o enredo é rico em reflexões religiosas e orientações para que seus leitores não caiam em armadilhas de malfeitores.

Quanto à *Manon Lescaut*, a obra é repleta de aventuras que envolvem trapagens, roubos, libertinagem, prazeres momentâneos que, no entanto, suscitam, também, reflexões sobre estes comportamentos. De acordo com Pépin (2004), nota-se na obra de Prévost que,

[...] embora os personagens do nosso romancista respondam aos imperativos do prazer, eles permanecem reprimidos por uma hierarquia social rígida e por uma moral impregnada de religião cristã, que os impedem de atingir plenamente a liberdade de consciência e a imprudência dos libertinos indignados do final do século XVIII. (PÉPIN, 2004, p. 119-120. Tradução nossa).²

À vista disso, é válido tentar compreender os discursos envolvendo as personagens femininas. Pois, como já foi dito anteriormente, os textos literários são impregnados por discursos religiosos. As protagonistas das narrativas são mulheres que vivem à margem da sociedade e cometem diversos pecados, de acordo com o parâmetro religioso dos contextos históricos de cada narrativa. Diante do exposto, é persistente entender, primordialmente, esse contexto.

² "[...] bien que les personnages de notre romancier répondent aux impératifs du plaisir, ils demeurent contraints par une hiérarchie sociale rigide et par une morale imprégnée de religion chrétienne, ce qui les empêche d'accéder pleinement à la liberté de conscience et à l'insouciance des libertins outrés de la fin du XVIIIe siècle" (PÉPIN, 2004, p. 119-120).

Conceitos de pecado


Como já foi mencionado no início deste texto, a produção e publicação de *Manon Lescaut* se deu na França, cuja religião oficial era o cristianismo, sob a observância da Igreja Católica. De acordo com Fleck e Dillmann (2013), na Europa do século XVIII, houve um grande número de publicações de manuais que orientavam fiéis católicos a obter uma vida santa em busca de sua salvação, isso foi possível graças à ampliação da imprensa na Europa. Segundo Ana Cristina Araújo (1997 apud Fleck e Dillmann, 2013, p. 289), durante 200 anos “foram produzidos 129 títulos – repartidos em 261 edições – sem contar os inúmeros títulos traduzidos do francês, do castelhano e do italiano”. Os autores frisam que essa informação é importante porque sinalizam que os manuais eram bastante lidos pela sociedade letrada.

Esses manuais, em especial aqueles estudados pelos autores das obras aqui analisadas – *Desengano dos pecadores* e *Mestre da vida que ensina a viver e morrer santamente* –, orientavam seus leitores a adotarem uma determinada postura, a fim de que eles conseguissem o reino dos céus e, para convencê-los, os livros continham ilustrações de almas pecadoras sofrendo no inferno e convivendo com os demônios. De acordo com os estudiosos, esse tipo de livros foi bastante consumido na Europa dos oitocentos, principalmente por católicos, pertencentes à elite, que frequentavam seminários e internatos religiosos. Como se percebe no excerto:

No século XVIII, os discursos sobre os pecados capitais se propagavam através dos escritos de religiosos que divulgavam a moral cristã, por meio de publicações que passaram a ser cada vez mais constantes: sermões, cartas, boletins, periódicos, manuais etc. Viver sem cair em pecado era a recomendação feita a todos os fiéis que desejassem “viver santamente” (FLECK; DILLMANN, 2013, p. 297).

E para “viver santamente”, de acordo com os manuais, o fiel tinha que seguir alguns atos de contrições, como a autoflagelação ou, então, o martírio, similar ao que viveu Jesus Cristo e, assim, conseguiria a salvação. No entanto, se por acaso o fiel voltasse aos pecados capitais e não obedecesse aos preceitos da Igreja, o Inferno era a punição final, neste caso, tornando-se uma constante ameaça ao fiel.

Nessa época, a avareza, a gula, a inveja, a luxúria, a soberba, a preguiça e a ira eram concebidas pela Igreja como pecados capitais, uma vez que “eram tidos como faltas




graves, que mereciam a pena de morte ou capital, por serem gestadas pelas desordens das paixões ou pelos instintos desordenados” (FLECK; DILLMANN, 2013, p. 296). Esses manuais, além de demonstrarem os tipos de pecados capitais e como se penitenciar para alcançar a salvação, ainda divulgavam os valores e condutas cristãs que acabavam orientando a relação do sujeito na sociedade. Esses livros persuadiam seu leitor a aceitar as doutrinas da Igreja como verdade e ainda entender o que acontecia consigo mesmo, induzindo o leitor a perceber os pecados que comete e as tentações a que está sujeito.

O que é importante destacar destes manuais para esta reflexão são as orientações para o leitor livrar-se dos pecados e alcançar a salvação. De acordo com eles, os pecados seriam sanados por meio da dor, do martírio, do sofrimento, mas, é claro, mediante a compreensão da culpa e o arrependimento, para isso, o fiel deveria ser um constante vigilante de si, logo, era importante conhecer-se, entender a si próprio, para assim, desviar-se do pecado. É o que confirmam Fleck e Dillmann (2013), quando asseveram que “Seguindo a doutrina cristã, os católicos deveriam conhecer suas fraquezas e evitar ou eliminar seus pecados. Receber os sacramentos e levar uma vida religiosa regrada eram importantes medidas a serem adotadas pelos fiéis” (FLECK; DILLMANN, 2013, p. 292-293).

Por outro lado, no protestantismo, o discurso de pecado deverá ser refletido a partir de condutas econômicas, e de acordo com a visão de Max Weber, certas condutas econômicas têm raízes religiosas, isto é, para ele, a religião é válvula propulsora para as transformações sociais ao longo tempo (ERICKSON; MURPHY, 2015). Com o desenvolvimento da classe mercantil, surgem inquietações acerca de preceitos religiosos: “se alguém vive de acordo com a vontade de um deus bom e poderoso, observando todas as exigências rituais e o comportamento ritual prescrito, por que o mundo continua a ser tão problemático? ” (ERICKSON; MURPHY, 2015, p.92). Para o estudioso, essa problemática necessita de “salvação” e, para isso acontecer, é necessária uma extrema reorganização de crenças sobre o mundo, a partir deste ponto, passa-se a refletir sobre o que ele chama de ascetismo intramundano.

O ascetismo intramundano é a disposição central envolvida nesse processo porque implica “retirar-se” das indulgências mundanas corruptas, permanecendo, ao mesmo tempo (paradoxalmente) no mundo das atividades humanas. Para Weber, o ascetismo intramundano difere do ascetismo “extramundano” de monges e eremitas que buscam



literalmente escapar ao mundo social e suas influências retirando-se para espaços especiais (p. ex., mosteiros ou desertos) onde as coisas mundanas não têm poder ou autoridade. Refreando-se da indulgência em corrupções específicas inerentes ao mundo, o asceta intramundano permanece virtuoso (pelos padrões judaico-cristãos) mesmo enquanto participa de mundo inerentemente corrupto (ERICKSON; MURPHY, 2015, p. 93).

O que é importante destacar deste pensamento é a retirada da prosperidade material como pecado, passando assim, a ser sinal de benevolência divina. Essa reestruturação, de acordo com Weber, é legitimada através de “profetas carismáticos” que afirmam receber uma revelação de Deus que passará a complementar a verdade, ocasionando a mudança na estrutura da crença e proporcionando equilíbrio psicossocial do mundo ocidente (ERICKSON; MURPHY, 2015).


Para ilustrar este processo, Weber menciona o Protestantismo Calvinista. Conforme o estudioso, essa religião racionalizou o vínculo entre Deus e os seres humanos, uma vez que João Calvino trouxe um novo aspecto à relação. Neste parâmetro, o indivíduo é orientado a reestabelecer o paraíso na Terra a partir do trabalho intenso, sério, honesto e disciplinado; além do cumprimento das leis divinas: “Se as pessoas se comportassem de certa maneira, de acordo com a vontade de Deus, podiam esperar a recompensa material aqui e agora, e a espiritual após a morte (ERICKSON; MURPHY, 2015, p. 94).

A partir desta breve reflexão sobre pecado dessas duas religiões no século XVIII, o intuito, a partir deste momento, é entender como esses discursos são apresentados nos textos literários, mais especificamente, no que concerne às personagens femininas.

A pecadora penitente

Moll Flanders & cia, de Daniel Defoe, narra a vida de uma criminosa que viveu na Inglaterra, durante o século XVII. A história é contada em primeira pessoa pela própria Moll, contudo é possível observar as marcas do autor masculino quando a mulher é colocada como a origem do pecado, tal qual no caso de Adão e Eva. Moll Flanders não é seu nome verdadeiro, sendo inventado pela própria personagem. Ela conta toda sua vida de desventuras, desde o nascimento, que aconteceu numa prisão chamada *Newgate*, até a sua velhice, com quase setenta anos.


Em *Newgate*, sua mãe, que era ladra, escapou da morte justamente porque estava grávida e, por isso, foi deportada para a colônia da Virgínia – atual Estados Unidos da



América. Moll continuou na Inglaterra e passou a viver à custa do Estado com a proteção de uma benfeitora. Desde pequena, ela sonhava em ser uma dama, no entanto, para isso não poderia ser criada de ninguém e deveria viver do seu próprio sustento, porém, não era a concepção da época, uma vez que uma dama era uma mulher rica que vivia em bailes e festas. Por causa deste pensamento ingênuo, uma rica senhora se encantou com a pequena e, quando a benfeitora morreu, Moll foi acolhida por esta senhora para ser dama de companhia de suas filhas, uma vez que a nova agregada tinha a mesma idade delas. Junto com as filhas da senhora rica, Moll acabou aprendendo hábitos finos, próprios das moças da alta sociedade e, aos dezoito anos, tornou-se uma bela jovem, chamando atenção dos filhos da senhora rica – na obra são chamados de *filho mais velho* e *filho mais moço*. Ingenuamente, ela cedeu às investidas do filho mais velho e tornou-se amante dele com a promessa de que este se casaria com ela. No entanto, a situação começou a se complicar quando o filho mais moço declarou o amor pela agregada diante de toda família e disse realmente querer casar com ela. O filho mais velho se aproveitou da situação e livrou-se da amante, convencendo-a a casar com seu irmão. Moll ficou entristecida com a proposta do rapaz, mas aceitou o pedido de casamento, o que resultou no nascimento de dois filhos. Depois de cinco anos, o marido morreu, e os sogros de Moll ficaram com a guarda das crianças, deixando-a desamparada financeiramente. A partir daí, o leitor percorre pelos planos falhos da heroína em casar-se novamente para não morrer de fome, até que, já com a idade avançada, sua beleza está se dissipando e, por isso, não consegue mais o sonhado bom casamento, diante disto, a heroína entra no mundo do crime.

Para entender a personagem, é preciso contabilizar a vida desregrada de Moll em uma sociedade que é visivelmente capitalista, na qual o matrimônio é um negócio e os relacionamentos não se sustentam somente pelo interesse amoroso, mas também por *status* social. O que se pode ver, primeiramente, na obra, são os inúmeros casamentos que a heroína concebe: cinco para ser exato; porém, ela tem relacionamentos com oito homens e teve inúmeros filhos; vale salientar que, coincidentemente, ela casa-se com seu irmão, descobrindo somente mais tarde que sua sogra é, também, sua mãe.

Durante seu relato, a personagem deixa bem claro que esses inúmeros relacionamentos não são bem vistos pelos Céus, como pode ser visto logo no primeiro relacionamento, quando a personagem se entrega ao *filho mais velho*:




Entretanto, como o diabo é um tentador infatigável, ele nunca deixa de achar oportunidade para o mal com que nos acena, e essa oportunidade surgiu numa tarde em que eu estava no jardim com duas irmãs mais novas e ele, todos em inocente colóquio, quando ele encontrou um meio de deslizar para a minha mão um bilhete em que dizia que no dia seguinte me pediria, em público, que levasse uma mensagem à cidade para ele e que eu o encontraria em algum ponto do caminho (DEFOE, 2014, p. 42 - 43).

Nesse excerto, é evidente o discurso cristão permeando as reflexões da narradora. Quando ela relata que foi vítima de uma tentação arquitetada pelo Diabo, há de se concluir que, nessa obra, acredita-se que ela é induzida ao pecado, como Eva foi tentada no Paraíso. Mais além, a narradora-personagem confirma que seu ato é um desvio de conduta quando comenta sobre a casa onde ambos se encontraram: “[...] entramos na casa, e notei que havia ali todas as comodidades do mundo para que pecássemos tanto quanto quiséssemos” (DEFOE, 2014, p. 45).

Além do ato sexual concreto, a personagem relata também o tema do adultério em pensamentos. Depois de casada com o filho mais moço, ela ainda deseja o cunhado, o filho mais velho, mesmo que ambos não tivessem mais relacionamento, exceto na postura de cunhados, então ela conclui: “[...] cometi a cada dia, em pensamento, adultério e incesto com ele, o que sem dúvida era tão ilícito como se eu cometesse na realidade” (DEFOE, 2014, p. 88). Este trecho presentifica o conflito da personagem ao ser encontrada na Bíblia a passagem que narra a história de Jesus Cristo aperfeiçoando a Lei, quando indagado sobre o adultério, ele confirma e comenta: “Ouviste o que foi dito: *Não cometerás adultério*. Pois eu vos digo: Todo aquele que lançar um olhar de cobiça sobre uma mulher, já cometeu adultério em seu coração” (Mt, 5, 27-28. Grifo dos autores). Esta relação do texto literário com o texto sagrado aprofunda a personagem, revelando seus dilemas morais e valorizando o desenvolvimento da reflexão penitencial.

Essa reflexão também é demonstrada mais tarde, depois de diversas peripécias, para sua sobrevivência, ela se relaciona com um cavalheiro casado com uma mulher doente. Moll tem um filho com ele e, depois de uma enfermidade, ele a envia uma carta e se lamenta, sinceramente, de ter cometido o ato de adultério. Com isso, ela própria censura-se:



Não obstante, em momento algum refleti que durante todo aquele tempo era uma mulher casada, esposa do sr. ***, o comerciante de tecidos – que, embora me houvesse abandonado, forçado por sua situação, não tinha autoridade para dispensar-me do contrato nupcial que havia entre nós, nem dar-me legalmente liberdade para voltar a me casar: ou seja, por essa razão, durante todo esse tempo eu não fora outra coisa senão uma rameira e uma adúltera, repreendi-me então pelas liberdades que tomara e me dei conta de que fora uma armadilha para aquele cavalheiro: na verdade pesava sobre mim a maior culpa pelo malfeito; ele fora resgatado do abismo, por misericórdia, graça a uma convincente percepção do pecado, ao passo que eu me sentia como que privada da graça divina e abandonada pelo Céu para perseverar pela iniquidade (DEFOE, 2014, p. 177-8).


Desta forma, temos os primeiros sinais de arrependimento da personagem, pois agora ela começa a refletir sobre seu comportamento, chegando a culpar-se integralmente e colocando o homem com quem pecou como vítima. Essa reflexão faz menção às palavras de Jesus Cristo no texto bíblico: “Também foi dito: *Quem repudiar sua mulher, dê-lhe certidão de divórcio*. Pois eu vos digo: Toda aquela que se divorciar de sua mulher – exceto em caso de prostituição – a faz cometer adultério; e quem se casar com ela comete adultério” (Mt, 5, 31-32). No entanto, mesmo tendo esses discernimentos acerca de seu comportamento, a miséria ainda ronda Moll e, por isso, ela vai cometer mais pecados, o que ela considera desvios da virtude; como, por exemplo, torna-se uma famosa ladra.

Após anos de roubos, Moll é presa e deportada para a Virgínia e, junto com um de seus maridos – que ela acaba encontrando na prisão –, ela faz fortuna e volta para a Inglaterra em sua velhice como uma mulher respeitável, rica e penitente.

Pecadora sem perdão

Do outro lado, temos o romance de Abbé Prevost, *Manon Lescaut*. Esta obra narra a paixão fulminante do Cavaleiro Des Grieux e de Manon Lescaut. Ele, filho de uma família nobre e ela, uma bela jovem incógnita; ambos fugiram para viver este amor, escondidos em Paris, e tentaram viver no luxo, mas para isso eles apelaram para a trapaça, o vício do jogo e traição, essa última será a grande dor de Des Grieux, que levará os jovens também para a prisão e à deportação.


Assim como em *Moll Flanders*, a questão moral é muito forte nesta obra, pois o que se vê nas linhas do texto literário é o grande conflito do narrador, Des Grieux, entre



a virtude e a volúpia. Metaforicamente, estes valores podem ser representados pelo honrado amigo Tiberge e pela amante Manon, respectivamente. Desta forma, Tiberge é assim caracterizado pelo narrador: “Tiberge, embora sendo apenas três anos mais velho que eu, era um rapaz de espírito amadurecido e de conduta muito regrada” (PREVOST, 2010, p. 23). Enquanto Manon é caracteriza da seguinte forma: “Eu conheci a Manon; e bem sabia que, por mais fiel e ligada a mim que estivesse na fortuna, na miséria eu não podia contar com ela. Gostava demais da abundância e dos prazeres para sacrificá-los por mim (PRÉVOST, 2010, p. 43). Diante deste excerto e também na obra como um todo, Manon é colocada como tentação, perdição no caminho do cavaleiro, pois não apresenta conflito de consciência quando pratica e propõem atos imorais para a época, de modo convicto. Mesmo quando Des Grieux assume o caminho da imoralidade, ele apresenta escrúpulos, limites em suas malícias. Mas Manon sempre vai além destes limites com facilidade, isto pode ser evidenciado no momento em que os dois resolvem enganar o filho do velho G...M...: o plano inicial era roubar o mesmo com a ilusão de uma possível noite com Manon, entretanto, no meio da execução do plano, ela mudou as condições e propôs estabelecer um relacionamento amoroso, carnal, com o filho do velho G..M... para usufruir mais da fortuna dele e sustentar o Cavaleiro, e em compensação este teria a liberdade de se deitar com outra mulher. Comparando a malícia dos dois personagens, podemos ver como a visão do Cavaleiro é romantizada na sua relação com sua amante.

Reconheci a letra de Manon. Eis aproximadamente o que continha: G... M... a havia recebido com uma delicadeza e um luxo muito acima de todas as suas expectativas. Enchera-a de presentes. Fazia-a vislumbrar um futuro de rainha. No entanto, ela me assegurava não ter-se esquecido de mim, mesmo em meio a todo esse esplendor; e, não conseguindo convencer G... M... a levá-la aquela noite ao teatro, deixava para um outro dia o prazer de me ver; e, para consolar-me um pouco da tristeza que imaginava poder causar-me essa notícia, dera um jeito de providenciar-me uma das mais belas jovens de Paris, que seria a portadora de sua carta. Assinado sua fiel amante, MANON LESCAUT (PRÉVOST, 2010, p. 101).

Como pode ser visto, Manon pode ser figurada como demônio, enquanto que Tiberge, por outro lado, é descrito como salvador, ora por sua compaixão e misericórdia, ora como anjo celestial que sempre está pronto a acolher e ajudar seu amigo a voltar para o caminho da virtude: “Ele não deixava de me abraçar e de me incentivar a buscar



coragem e consolo; mas, como continuava pensando que eu devia me separar de Manon, tive de fazê-lo entender que era justamente essa separação que via como o maior de meus infortúnios [...]” (PRÉVOST, 2010, p. 47-8).


Outro ponto que reforça a caracterização de Manon como alegoria da tentação é o fato de que, depois de sua morte, o Cavaleiro deixou a vida desregrada, denotando a amante como a causa principal dos infortúnios e imoralidades. Assim segue a reflexão do narrador-personagem:

Após ter-me punido com tamanho rigor, quis o Céu que minhas desgraças e seus castigos me fossem proveitosos. E iluminou-me, de forma que resgatei as ideias dignas de minha origem e de minha educação. Com a tranquilidade voltando aos poucos a renascer em minha alma, vi essa mudança ser acompanhada de perto por minha recuperação. Entreguei-me inteiramente às inspirações da dignidade, e continuei em meu pequeno emprego, atendendo os navios franceses que, uma vez por ano, se dirigiam a essa parte da América (PRÉVOST, 2010, p. 146).

Destarte, com a morte de sua amante, é possível ver que a postura de Des Grieux se torna mais equilibrada. Ele volta à sua origem, como o filho pródigo que, arrependido, volta para a casa do pai. E quem vai buscá-lo é o seu salvador Tiberge, que também se configura um sementeiro, alegoria que faz referência à famosa Parábola do sementeiro, narrada nos textos sagrados cristãos. Agora, o Cavaleiro está dando bons frutos, como ele próprio relata a seguir para Tiberge: “E, para lhe causar uma alegria com a qual ele não podia contar, disse-lhe que os grãos de virtude, que semeara tempos atrás em meu coração, começavam a dar frutos, que haveriam de o alegrar” (PRÉVOST, 2010, p. 147).

Considerações finais

À vista disso, é possível ler as obras *Moll Flanders* e *Manon Lescaut* como alegorias que discutem as fronteiras entre o bem e o mal. A todo momento, o narrador de *Manon Lescaut*, através de pensamentos cristãos, demonstra as consequências do caminho do mal; Manon seria este caminho, uma opção que leva para a destruição do homem. Sendo que esta opção irá oferecer o amor carnal fácil, o vício do jogo, trapaçadas, roubos, mentiras e assassinatos. Nestes termos, o que se pode compreender é que há um discurso de demonização da mulher; aquela que é a origem do pecado, como é descrito em Gênesis,



um dos livros do Pentateuco. Deste modo, a punição para esta mulher é a morte, sem direito ao perdão, pois em momento algum ela se arrepende de seus atos, logo, seus pecados não foram expurgados. Diferentemente de Des Grieux, que convive com o remorso durante toda a narrativa, e só se livra de seus infortúnios com a morte de sua amada.

Enquanto que em *Moll Flanders*, a misericórdia e o arrependimento são presentes, apesar de as categorias de bem e mal serem bem demarcadas e ter como parâmetro os textos bíblicos, a mulher aqui tem uma reflexão mais profunda sobre seus atos e, mais ainda, vive como uma penitente. Agora, essa mulher não é o caminho, ela escolhe por um caminho, neste caso o da contrição. Vê-se que, mesmo ela colocando a culpa de todo o pecado sobre si mesma, o leitor percebe que as desventuras e crimes são geradas a partir da fuga de uma vida miserável. Ela é posta nesta condição e fará de tudo para não passar fome. O que é mais pertinente no fim da personagem é que o expurgo de seus pecados acontece por meio do trabalho árduo. Arrependida de todos seus atos ilícitos, é por meio da labuta que a personagem alcança a graça do perdão, e ela é recompensada materialmente, arrematando uma grande fortuna. Portanto, enquanto ela pretendia enriquecer por meio do casamento, seus planos falhavam; só a partir do momento que decidiu trabalhar, a miséria deixou de rondá-la.


Por fim, levando em consideração o exposto, as personagens femininas em ambas obras são apresentadas de forma semelhante, enquanto mulher demonizada, sempre carregando nos ombros o peso das vicissitudes; e distinta, quando uma ganha voz para apresentar suas reflexões sobre seus atos e, através do trabalho, atinge a expiação dos seus pecados.

Referências

Bíblia Sagrada. Vários tradutores. Petrópolis: Vozes, 2003.

DEFOE, Daniel. *As aventuras e desventuras da famosa Moll Flanders & cia.* Trad. de Donaldson Garschagen e Leonardo Fróes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

ERICKSON, Paul A.; MURPHY, Liam D. *História da teoria antropológica.* Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.



FLECK, Eliane Cristina Deckmann; DILLMANN, Mauro. Os setes pecados capitais e os processos de culpabilização em manuais de devoção do século XVIII. *Topoi* (Rio de Janeiro), vol.14, n.27. Rio de Janeiro, July/Dec.2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X014027004>. Acesso em: 13 jan. 2017.

PÉPIN, Elsa. *Agréable désordre? Le domaine du plaisir dans deux romans de Prévost*. Dissertação (Mestrado em langue et littérature françaises). Université McGill: Montréal, 2004.

PRÉVOST, Abade. *A história do Cavaleiro de Grioux e de Manon Lescaut*. Trad. de Regina Célia de Oliveira. São Paulo: Martin Claret, 2010.

VIEGAS, Shellida Fernanda da Collina. *A extraordinária e irresoluta história da trajetória de Roxana & Moll Flanders, que, na época do reinado de Charles II, testaram os limites sociais impostos às mulheres de suas épocas, e que sofreram consequências e punições diversas nas penas de seus editores, sendo que seus destinos foram questionados e alterados ao longo do século XVIII, sem a vontade explícita de seu autor*. Tese (doutorado em literatura geral e comparada). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.